

A QUESTÃO DA REFERÊNCIA NA LINGUAGEM

Stefania Montes Henriques¹

Resumo: Sabe-se que a discussão acerca da referência na linguagem envolve tanto filósofos quanto linguistas. Na Filosofia Analítica da Linguagem, a questão da referência é colocada como foco principal, com o intuito de solucionar os problemas filosóficos que, segundo essa vertente seriam problemas de linguagem. Em contrapartida, Ferdinand de Saussure efetua um corte epistemológico, a partir do qual a língua adquire sua autonomia. Tal elaboração permite afirmar que a língua possui uma ordem própria sem interferência de outra ordem que lhe seja exterior. O linguista deve, portanto, ater-se ao funcionamento interno da língua, sem considerá-la como nomenclatura ou representação do pensamento. Entretanto, será a língua indiferente à realidade? Não podemos negar que as línguas se reportam à realidade (cf. SILVA, 2008), a questão é saber como essa relação acontece e se a mesma interfere no funcionamento da língua. O objetivo principal desse trabalho foi investigar a questão da referência na linguagem, estabelecendo um debate entre Frege e Saussure. Frege distingue *sentido* e *referência*: o primeiro seria objetivo e coletivo e o segundo, o objeto presente no mundo. Saussure, por sua vez, estabelece o funcionamento autônomo da língua, no qual não há interferências exteriores. Para a realização desse trabalho, foi efetuado o exame de alguns conceitos saussurianos, tais como: "signo", "arbitrariedade" e "valor". Para tanto, valeu-se de estudos atuais sobre o tema e do artigo "Sobre o Sentido e a Referência" de Gottlob Frege. É perceptível, portanto, que são encontradas dificuldades no estabelecimento de uma afirmação categórica acerca da referência na linguagem.

Palavras-chave: linguagem; referência; signo; ordem própria.

Abstract: It's known that the discussion about the reference in the language involves both philosophers and linguists. In philosophy of language, the question of reference is placed as the main focus, with intention to solve the problems philosophical, that would be problems of language. Ferdinand de Saussure, in turn, effects one epistemologic cut, making with that the language acquires its autonomy. The linguist must, therefore, to abide it the internal functioning of the language, without considering it as nomenclature or representation of the

¹ Desenvolveu Iniciação Científica (UFU/FAPEMIG) sob orientação da Profª Drª Eliane Mara Silveira, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Santa Mônica – 38440-902 – Uberlândia – MG . temontess@gmail.com

thought. However, the language will be indifferent to reality? We can not deny that the language relate to reality (cf. SILVA, 2008), the question is to know as this relation happens and if the same one intervenes with the functioning of the language. The main objective of this work was to investigate the reference in the language, being established a debate between Frege and Saussure. Frege distinguishes sense and reference. Saussure, in turn, establishes the independent functioning of the language, in which it does not have exterior interferences. For the accomplishment of this work, the examination of some concepts was effected, such as: " sign" , " arbitrariness" and " value". For in such a way, one used current studies on the subject and the article “On Sense and Reference” of Frege. It is perceivable, therefore, that difficulties in the establishment of a categorical affirmation concerning the reference in the language are found.

Palavras-chave: language; reference, sign, proper order

1. INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa, intitulada “A Questão da Referência na Linguagem”, partimos da prerrogativa de que Ferdinand de Saussure, ao propor a sistematização do sistema lingüístico, efetua um corte epistemológico tendo em vista o estabelecimento dos elementos e critérios necessários para a fundamentação de uma ciência e, conseqüentemente, isso exclui determinados fatores de sua abordagem. Nesse caso, as exclusões saussurianas seriam, segundo alguns autores, basicamente: a referência, o sujeito e a história. No entanto, após o estabelecimento da linguística como ciência por Saussure, a sua obra tem sido alvo de constantes releituras que redimensionam o lugar das chamadas “exclusões saussurianas”. O nosso trabalho inscreve-se nessa perspectiva, na medida em que procuramos realizar o estudo da referência tendo em vista alguns casos em que há a interferência da mesma na constituição do sentido das palavras.

Assim, nossa pesquisa teve como foco principal dois autores: Ferdinand de Saussure e Gottlob Frege. A escolha desses dois teóricos deu-se na medida em que Saussure, pai da lingüística moderna, efetua uma mudança de paradigma nos estudos de sua época, ao propor a noção da língua como um sistema autônomo, redirecionando, assim, o foco da lingüística para o estudo dos fenômenos internos da língua e, excluindo, conseqüentemente, quaisquer fatores exteriores ao sistema lingüístico. Segundo Culler (1979) Saussure formula questões fundamentais que os lingüistas anteriores a ele deixaram de formular, fornecendo respostas que revolucionaram a maneira pela qual se estuda a Linguagem. Talvez possamos afirmar, ainda, que uma das grandes contribuições de Saussure para a Lingüística Geral tenha sido a definição de seu objeto de estudo: a língua.

Segundo Saussure (1979), a língua seria um sistema de signos, os quais por sua vez, seriam constituídos por significante e significado, rompendo com a concepção classicista de que o signo era triádico. Esses dois conceitos assinalariam a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte, sendo que o significante seria a imagem acústica, impressão psíquica do som e não o som propriamente dito, e o significado seria o conceito, contraparte da imagem auditiva.

O signo lingüístico teria como um de seus princípios a arbitrariedade, o qual determinaria que a relação entre significante e significado é imotivada, ou seja, não há ligação entre um conceito e a seqüência de sons que lhe está associada. No entanto, a relação entre significante e significado não depende da livre escolha do falante. Quando é instituída, é contingente, ou seja, dá-se por acaso, mas a partir do momento que é estabelecida, torna-se necessária, não há como dissociar significante e significado. No que diz respeito ao valor lingüístico, a perspectiva saussuriana explicita que esse se dá na relação estabelecida entre os elementos constituintes da língua, sem interferência de quaisquer fatores externos. O valor de um signo será modificado de acordo com o lugar que ele ocupa no sistema, e dos elementos que estão em contato com ele, precedentes ou posteriores. Percebe-se agora, que o valor de um signo, segundo Saussure, emana do sistema no qual ele está inserido e, dessa forma, a relação estabelecida com os elementos de determinado sistema é anterior à relação desses elementos com o referente.

Já Gottlob Frege, um dos precursores da Filosofia Analítica da Linguagem, é considerado por alguns autores como o responsável pela reorientação da filosofia, ao reconhecer que pela análise da linguagem é possível chegar à análise do pensamento. Além disso, Frege tentou sistematizar a relação entre linguagem e referência com o ideal de criar uma língua perfeita, livre de ambigüidades, para a constituição do discurso científico. No artigo “Sobre o sentido e a referência ” temos que o autor efetua uma sistematização da relação entre linguagem e realidade de maneira mais explícita, entretanto, o problema da referência nas línguas naturais é uma preocupação constante em toda sua obra, tendo em vista que, em sua tentativa para fundamentar a matemática, deparou-se com os problemas de linguagem.

Eu parti da matemática. A mais premente necessidade, parecia-me, era dotar essa ciência de uma melhor fundamentação... As imperfeições lógicas da linguagem atravessaram-se no meio do caminho de tais investigações. Eu tentei contornar esses obstáculos com a minha conceitografia. Nesse caminho fui levado da Matemática para a Lógica. (FREGE, *apud* CAMPOS, 2004, p. 49).

A necessidade primeira de Frege seria, então, fundamentar a matemática. Entretanto, ao efetuar esse trabalho o autor deparou-se com alguns problemas de linguagem, por exemplo, o conceito de *função*. A partir daí, viu-se forçado a focar seus estudos em uma análise lógica da linguagem, acreditando que ao resolver os problemas de sentido das palavras, estaria, conseqüentemente, resolvendo os problemas da matemática. Nesse caso, teríamos que a maneira com que ele se dispõe a solucionar o problema encontrado é o artifício de tomar a linguagem como objeto de estudo, com o intuito de criar uma linguagem sistemática e lógica que elimine as ambigüidades – causadas pela incapacidade de precisão da linguagem ordinária.

Esse deslocamento será fundamental para o surgimento de uma nova corrente filosófica na qual os problemas filosóficos perderiam a gravidade ao serem submetidos à uma análise lógica dos termos dos quais são compostos. Portanto, o interesse da filosofia torna-se a submissão da linguagem a um estudo interno, levando em consideração seu referente, e tomando-a como objeto e “instrumento” de investigação. Se, com efeito, a abordagem filosófica de determinado problema consiste em elucidar algumas definições utilizadas para a formulação desse problema, a filosofia seria assim, conduzida à uma análise lingüística do sentido das palavras.

Dessa forma, Frege chega à conclusão que a linguagem natural não satisfaz os critérios necessários para a constituição do discurso científico, como por exemplo a exatidão e o compromisso com a verdade. Assim, o autor utiliza como justificativa para a criação de sua conceitografia, a comparação do olho humano e do microscópio: o primeiro adequa-se facilmente a níveis diferentes de luz, de distância e ângulos de visão. Entretanto, quando há a necessidade de obter uma visão precisa sobre certo objeto, recorreremos ao microscópio que nos proporciona um ângulo de visão mais detalhado. A linguagem natural seria, portanto, comparável ao olho humano enquanto que a linguagem logicamente perfeita seria aquela que oferece uma segurança maior e, conseqüentemente, deve constituir o discurso científico.

Propomo-nos, nessa pesquisa, a analisar de maneira concisa a distinção entre *sentido* x *referência* que foi tratada por Gottlog Frege para que, após o estudo da teoria saussuriana, tendo como focos principais a natureza do signo lingüístico, o princípio da Arbitrariedade e a Teoria do Valor, possamos perceber os pontos de exclusão da referência na teoria saussuriana e as conseqüências da inserção da referência no sistema lingüístico, tentando delimitar pontos nos quais a mesma exerce interferência na constituição do sentido de sentenças e palavras.

É plausível afirmar, antes de darmos continuidade ao nosso trabalho, que os autores que foram abordados nessa pesquisa têm perspectivas diferentes sobre um mesmo assunto, o que permitirá, de fato, destacar em que eles se diferenciam, se aproximam e, finalmente dar destaque às elaborações de cada um a partir de uma releitura de suas obras.

1. MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem metodológica utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, suficiente para o levantamento e análise de textos que possam contribuir para o avanço da pesquisa. Inicialmente selecionamos as obras fundamentais das teorias em questão e as obras de leituras complementares – foram selecionados artigos científicos, ensaios, e livros de comentadores. É válido ressaltar que a escolha das leituras complementares deu-se com o auxílio da Prof^a Dr^a Eliane Mara Silveira, e foi baseada nas dificuldades encontradas na leitura das obras básicas. Após essa primeira etapa da pesquisa, efetuamos a leitura da bibliografia escolhida, realizando fichamentos que tinham como pontos principais as noções de sentido e referência, arbitrariedade e valor.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa foi a participação de encontros quinzenais, especificamente de estudos saussurianos, no Grupo de Estudos “Rasura”, nos quais discutimos sobre o desenvolvimento da noção de língua através da

evolução do pensamento científico, além de questões teóricas referentes às formulações de Saussure.

Além disso, de acordo com o cronograma que nos propusemos a seguir, foram produzidos artigos a cada três meses sobre o assunto estudado nesse período. Dessa forma, tanto a aluna quanto a Prof^a Orientadora tiveram a possibilidade de avaliar o andamento da pesquisa, pensando em novos rumos e leituras que pudessem contribuir para o desenvolvimento da mesma.

2. DISCUSSÃO E RESULTADOS

2.1 Sobre o sentido e a Referência

Em “Sobre o sentido e a referência” o problema inicial de Frege consiste na definição de identidade: ela consiste em uma relação entre objetos, ou entre *sinais* de objetos? O autor assume a última alternativa, tendo em vista que, caso $a=b$ seja verdadeira, a relação estabelecida dá-se entre sinais de objetos e oferece extensões valiosas de nosso conhecimento, o que implica que nem sempre podem ser estabelecidas a priori, como a relação $a=a$. Essa é a questão que norteia a definição das relações estabelecidas entre *nome próprio*, *sentido*, *representação* e *referência* entretanto, é plausível afirmar que todo o percurso de fundamentação dessas relações dá-se em função do argumento da imperfeição da linguagem natural.

Assim, o nome próprio seria uma designação de determinado objeto singular ou estado de coisas, sendo que essa designação pode dar-se de diversas maneiras, ou seja, um mesmo referente pode ser denotado por um ou mais sinais. Temos que, por exemplo, o sinal Sol designa um objeto real presente no mundo, a saber a estrela de quinta grandeza Sol. No entanto, poderíamos proferir em substituição à sentença “O sol esquenta”, a sentença “O astro-rei esquenta”. Sendo assim, teríamos que a (sol) e b (astro-rei), têm o mesmo referente, logo $a=b$. Essa relação mantém-se apenas pelo motivo que esses sinais designam algo, e seria medida pela conexão estabelecida entre eles, conexão essa que é arbitrária.

Antes de darmos continuidade, há que se fazer uma ressalva quanto à diferença de utilização do termo “arbitrário” em Frege e Saussure. Frege utiliza a noção de arbitrário de maneira distinta daquela utilizada pelo linguísta: “Ninguém pode ser impedido de empregar qualquer evento ou objeto arbitrariamente produzidos como um sinal para qualquer coisa” (FREGE, 1978, p. 62). A diferença na utilização desse termo dá-se na medida em que Frege

utiliza a noção de arbitrário filosófico, que seria estabelecido na relação entre nome e coisa, e Saussure, por sua vez, utiliza o arbitrário lingüístico, ou seja, uma relação imotivada entre significante e significado².

É válido afirmar que nos casos em que dois nomes próprios diferentes denotam um mesmo objeto pode ocorrer que tenha uma diferença também no modo de apresentação dos objetos. Para Frege, esse modo de apresentação dos objetos é chamado de sentido e detém a característica de ser apreendido coletivamente por todos os indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade lingüística. Retomemos a relação $a=b$, sendo que: (a) Estrela da manhã e tem por referente Vênus, e (b) Estrela da tarde e tem por referente Vênus. Temos que tanto a quanto b , referem-se a um mesmo objeto presente no mundo. Entretanto o modo de apresentação desse objeto modifica-se de acordo com o contexto no qual está inserido: ao proferir, por exemplo, a sentença “A estrela da manhã é brilhante”, refiro-me ao planeta Vênus no momento em que ele aparece pela manhã, o que é diferente se o nome próprio utilizado na constituição dessa sentença fosse “A estrela da tarde”. Logo, os sinais a e b têm o mesmo referente, mas não o mesmo sentido. Assim, a um sinal corresponde um sentido determinado, que por sua vez, corresponde a uma referência – que pode ser designada por um ou mais sinais- e entre o sentido e a referência encontra-se a representação, que, por sua vez, é um objeto abstrato, subjetivo, carregada de experiências e lembranças individuais.

No entanto, há casos em que alguns nomes próprios que apesar de não possuírem referência, possuem sentido, como por exemplo “o corpo celeste mais distante da terra”, que como um nome próprio, consegue ser apreendido coletivamente, ou seja, tem sentido, mas é duvidoso que corresponda à uma referência. Estamos diante de um dos problemas da teoria de Frege, que é resolvido por esse autor, quando ele propõe que antes de introduzirmos uma expressão em determinado discurso científico, deve-se assegurar que essa tenha referência, caso não possua, o ideal é que se assegure artificialmente uma referência. Dessa forma, percebemos que em todo o discurso de Frege há a pressuposição de que a linguagem natural é precária e deficiente e, conseqüentemente, inferior à uma linguagem logicamente perfeita.

O que Frege realmente faz, então, é subordinar a necessidade de o nome próprio referir, ao fato de ele estar em uma sentença, e de essa sentença estar sob o julgamento lógico. Se o nome próprio não tem referência, isso não é problema para o pensamento desde que estejamos num contexto literário, por exemplo. (CAMPOS, 2004, p. 38)

Assim, não há problemas se no cotidiano ou no discurso literário proferirmos sentenças do tipo “Sherlock Holmes dorme cedo”, já que pouco nos importa se essa entidade existe ou não,

² Esse assunto será discutido no item 3.2 desse artigo.

ou seja, não estamos preocupados com a verdade/falsidade dessa sentença. Entretanto, o discurso científico requer a correspondência do que se fala com aquilo de que se fala, para que possamos definir se algo é verdadeiro ou falso.

Já Saussure não se preocupa com a verdade de uma sentença e a sua correspondência com um determinado estado de coisas, pelo contrário, a princípio, o autor conduz seus estudos de maneira que nenhuma ordem que seja exterior à ordem própria da língua possa afetá-la em seu funcionamento. Para um melhor entendimento das questões que norteiam nossa pesquisa e das diferenças entre os dois autores, faz-se necessário, uma breve explicitação dos pontos principais da teoria saussuriana, discutida na próxima seção.

3.2 A ordem própria da Língua: Arbitrariedade e Valor Lingüístico

Na concepção saussuriana a língua é um fenômeno social que se modifica continuamente pela ação do tempo, e que, entretanto, os indivíduos isolados não têm a capacidade de alterá-la. Sendo assim, a língua é um sistema de signos que só existe pelo fato de ser essencialmente social, ou nas palavras do próprio autor, a língua reside na alma de uma massa falante, o que não é o caso da fala. (SAUSSURE. 2004, p. 287). Como sistema, a língua compõe-se de uma multidão de signos lingüísticos, que por sua vez, são constituídos de significante e significado. Esses dois termos são ambos psíquicos e negativos, não há possibilidade de isolá-los, visto que um existe em função do outro: só há significante se esse se relaciona com um significado, e vice-versa.

Segundo Saussure (1973) antes do aparecimento da língua haveriam dois planos caóticos e amorfos: o plano das ideias e o plano dos sons. A língua surge com o objetivo de organizá-los, selecionando um fragmento das ideias e associando-o a um fragmento dos sons. Essa associação é arbitrária, entretanto, a partir do momento no qual ocorre, torna-se necessária, daí advém da incapacidade do falante de alterá-la. Para exemplificar essa relação, Saussure utiliza a metáfora da folha de papel:

A língua é ainda comparável a uma folha de papel: o pensamento é a face e o som é o verso; da mesma forma, na língua, não se poderia isolar nem o som do pensamento nem o pensamento do som; não o conseguiríamos a não ser por uma abstração cujo resultado seria fazermos ou psicologia pura ou fonologia pura. (SAUSSURE, ibidem, p. 163).

Faz-se plausível explicitar que, segundo Gadet (1990), há duas maneiras de se conceber a noção de arbitrariedade. A primeira diz respeito à abordagem filosófica e a segunda comparece nas formulações lingüísticas:

Mais il faut bien voir que les termes du débat ne sont pas les mêmes. L'arbitraire philosophique, en effet, concerne le lien entre une chose et son nom. Alors, que l'arbitraire linguistique est le principe selon lequel un signifiant comme [scer] n'est lié par aucun rapport "interieur" au signifié "sœur: " Le lien unissant le signifiant au signifié est radicalement arbitraire", trouve-t-on dans les sources. Radicalement est omis dans le CLG, ce qui risque de faire perdre le sens de "dans ses racines mêmes", de même que l'opposition à un arbitraire qui ne serait pas radical. (GADET, 1990 apud SILVA, 2008)

A autora explicita que o arbitrário filosófico consistiria na ligação entre os nomes e as coisas enquanto o arbitrário lingüístico trataria das relações internas ao signo, ou seja, entre significante e significado. A abordagem filosófica da arbitrariedade partilha de duas vertentes, a chamada *naturalista* e a *convencional*. Um exemplo latente seria o diálogo platônico *Crátilo*, no qual as personagens Crátilo e Hermógenes discutem sobre o problema da atribuição dos nomes às coisas. O primeiro sustenta que há uma relação natural entre os nomes e as coisas por eles designadas. O segundo afirma que os nomes são dados às coisas por uma convenção, de maneira arbitrária, seria assim, uma questão de lei (PLATÃO, 1994).

Saussure insere-se na abordagem lingüística do arbitrário, visto que exclui de sua teorização o objeto material e desloca a relação existente entre nome e coisa para àquela entre significante e significado. Há, portanto, uma mudança de paradigma: a realidade passa a não desempenhar nenhum papel no funcionamento lingüístico e a língua deve ser alçada a objeto de estudo sendo considerada como detentora de sua própria ordem. Assim, Saussure afirma que a língua tem uma ordem própria, e conseqüentemente, elementos de qualquer outra ordem exterior não a influenciam. A partir daí temos, portanto, a exclusão do terceiro termo (os objetos materiais), o que implica em mudanças na noção de arbitrariedade. O arbitrário torna-se essencialmente *lingüístico*, interior ao signo: na relação entre significado e significante. A relação entre a coisa e o nome não deve, segundo esse autor, ser analisada, já que não interfere na forma como a língua se estrutura, já que essa é constituída somente por entidades psíquicas.

É conveniente que nos detenhamos um pouco sobre o princípio da arbitrariedade, tendo em vista que o consideramos como o elo lógico da teoria saussuriana:

"O laço que une significante e significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário." (SAUSSURE, 1979, p. 81).

Por arbitrário, entende-se, portanto, que a relação estabelecida entre significante e significado é de natureza *imotivada*, não há nada na idéia de “casa” que a ligue essencialmente à seqüência de sons c-a-s-a. Saussure explicita, com respeito à essa *imotivação*, que sua prova maior é justamente a diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes (SAUSSURE, *ibidem*, p. 82).

No que diz respeito à arbitrariedade, Bouquet explicita que:

Aqui, parece claramente que o fato do arbitrário, tal como Saussure o concebeu no apogeu de sua reflexão, tem duas implicações: por um lado, o fato do significante de cada signo é, por essência, livremente decretado pelas línguas e, por outro lado, a repartição – o corte – ‘matéria a se significar’ se opera ao sabor das línguas. É este duplo fato que se conjuga num fenômeno complexo, que pode, desta vez, ser denominado arbitrário do signo e que escolhemos denominar aqui arbitrário da língua, para não criar equívoco com o Cours (BOUQUET, 2000, p. 233, apud SILVA, 2008, p.41)

Sendo assim, podemos constatar que existiria um arbitrário interno ao signo, que se daria entre significante e significado, de maneira que o significante seria arbitrário em relação ao significado ao qual estabelece ligação, o significado seria arbitrário em relação ao significante e, conseqüentemente, é arbitrário que um significado e um significante estejam ligados em um signo. Já o arbitrário externo do signo, dar-se-ia entre esse e os outros termos que pertencem ao mesmo sistema. Esse arbitrário seria dividido, segundo Bouquet, da seguinte maneira: é arbitrário que o número de significantes e suas características distintivas sejam o que são, e que o número de significados e suas características distintivas sejam o que são. (BOUQUET, 2000, p. 236, apud SILVA, 2008, p. 41)

É válido ressaltar, ainda, a distinção entre arbitrário absoluto e arbitrário relativo. Quanto a isso, o autor explicita que não há na língua nada que não seja motivado, e isso se dá, justamente por que o espírito sente a necessidade de colocar uma regularidade em certas massas de signos (SAUSSURE, *ibidem*, p. 154). Sendo assim, há em cada língua o que é radicalmente arbitrário (absoluto) e o que é parcialmente motivado (relativo). Um signo imotivado seria, por exemplo, *pedra*, no qual a ligação entre significante e significado é totalmente arbitrária. Em contrapartida, um signo como *vaqueiro*, é relativamente motivado na medida em que, por intermédio das relações sintagmáticas e associativas, evoca outros signos da língua.

A limitação do arbitrário e a exclusão do objeto material no funcionamento da língua acontecem, justamente, por intermédio das relações associativas e sintagmáticas, que estabeleceriam o sentido lingüístico. A ordem sintagmática consistiria nas relações de oposição estabelecidas entre um termo e aquele que o precede ou que o segue. É isso que

impede, por exemplo, que seja possível pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Já a ordem associativa, é aquela na qual as palavras que tem algo de comum agrupam-se em nossa memória e formam grupos, como por exemplo, palavras que terminam com o prefixo *-eira*: macieira, figueira, etc. É certo que, como mostramos anteriormente, a noção da arbitrariedade não surge com o Curso de Lingüística Geral, entretanto sofre modificações com o mesmo. A questão a se ressaltar é que o arbitrário já é fruto, desde a antiguidade, de discussões a respeito de sua natureza, que se prolongam até os dias atuais. Sobre isso Saussure afirma que o princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; mas é muitas vezes mais fácil descobrir uma verdade do que conceder-lhe o lugar que lhe compete. (SAUSSURE, 1979, p. 125)

É justamente o lugar que compete à arbitrariedade do signo que devemos nos deter. Tanto no arbitrário filosófico, quanto no arbitrário lingüístico, temos coerências e incoerências. O primeiro não dá importância ao funcionamento da língua e a define como nomenclatura, enquanto o segundo, rejeita a influência da realidade extralingüística, e coloca a língua como um sistema autônomo. O que fica evidente é que, tanto a relação arbitrária entre significante e significado quanto a relação entre nome e coisa, parece ter seu lugar no funcionamento lingüístico.

Para isso, explicitamos a Teoria do Valor, tendo em vista que seu estudo é crucial para os objetivos propostos nessa pesquisa, já que somente a partir de sua elucidação será possível delimitar o alcance e a influência da referência na linguagem. O Valor Linguístico é um dos conceitos mais complexos da teoria saussuriana visto que sua consolidação depende de todas as noções preexistentes. Estabelecendo uma comparação, teríamos uma máquina na qual só há funcionamento se todas as engrenagens estiverem presentes: a máquina seria o sistema lingüístico saussuriano, as engrenagens seriam noções primárias dessa teoria, tais como *língua*, *arbitrariedade* e *signo*, e o funcionamento, por sua vez, seria o *valor lingüístico*.

Como dissemos, a língua tem um caráter essencialmente social, e, portanto, a coletividade é determinante na constituição do valor, já que o uso e o consenso geral são necessários para o estabelecimento do mesmo: um indivíduo, por si só, não é capaz de fixar ou modificar um valor que seja. No que diz respeito à noção de signo, temos que, como foi dito anteriormente, antes do aparecimento da língua tudo era caótico e amorfo, dessa forma, a língua surge com o objetivo de efetuar uma organização, selecionando um fragmento das idéias e associando-o a um fragmento do plano dos sons. O que antes era caótico, portanto, organiza-se. Sendo assim, o signo é fruto de uma associação arbitrária entre essas duas entidades psíquicas, que não têm existência em si mesmas, e dependem das relações

estabelecidas no sistema e das diferenças entre os termos, para continuarem a existir. A partir do momento que Saussure afirma que é a língua a responsável por efetuar a organização dos dois planos caóticos, podemos afirmar que já é perceptível a exclusão da referência no sistema lingüístico, visto que não existem idéias preestabelecidas antes do surgimento da língua, tampouco a realidade repercute na organização do pensamento.

Além disso, é somente por deter a característica de ser arbitrário, que o signo lingüístico pode adquirir valor: “na associação que constitui o signo, não há nada, desde o primeiro momento, além de dois valores que existem um em virtude do outro (arbitrariedade do signo)” (SAUSSURE, 2004, p. 287). Ou seja, é pela relação arbitrária entre significante e significado que é possível o estabelecimento do valor, já que se essas duas entidades psíquicas estivessem separadas, em nada consistiriam. Além disso,

(...) a idéia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, *ibidem*, p. 132)

O que percebemos é que a própria idéia de valor está contida no fato de iniciar-se uma análise do complexo ao mais simples: primeiro o conjunto dos termos, para chegar gradativamente aos termos isolados, já que esses só adquirem valor por meio das relações que mantêm entre si, ou seja, sua totalidade. É aqui que percebemos o valor como determinante na existência dos termos da língua, ou seja, são as relações que os signos entretêm entre si que fazem com que os mesmo existam.

Ao falar do valor lingüístico considerado em seu aspecto conceitual, isto é, do ponto de vista do significado ou conceito, O *Curso de Linguística Geral*³ explicita que um dos aspectos do valor lingüístico é a propriedade de representar uma idéia, entretanto, não se deve acreditar que *significação* e *valor*⁴ são sinônimos, mesmo que o valor (no que diz respeito ao conceito) constitua um elemento da significação.

A edição do CLG, efetuada por C. Bally e A. Sechehaye, diferencia *significação* e *valor* da seguinte forma: a primeira não seria mais que a contraparte da imagem acústica, e o segundo, por sua vez, a contraparte dos termos coexistentes. Sendo assim, o valor de um

³ Doravante chamado CLG.

⁴ A respeito da problemática da diferenciação entre significação e valor, ver “Sur le concept de valeur pure” artigo publicado pela Revista Letras & Letras, no qual Estanislao Sofia trata das diferentes concepções de valor que são autorizadas pelos manuscritos saussurianos.

signo resultaria das relações que ele entretém com os outros termos do sistema, já que “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (...)” (SAUSSURE, *ibidem*, p. 133). Além disso, os valores são sempre constituídos : 1º por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa. (SAUSSURE, *ibidem*, p. 134)

Assim, uma moeda de um real, por exemplo, pode ser trocada por uma quantidade específica de pão; além disso, podemos compará-la com uma moeda de cinquenta centavos ou pertencente a outro sistema monetário. Portanto, o valor de um signo é determinado por uma multidão de outros signos semelhantes e dessemelhantes que se relacionam a todo instante no sistema da língua.

Quando trata do valor em seu aspecto material, ou seja, do ponto de vista do significante, Saussure afirma que se a parte conceitual do valor é determinada por diferenças e relações o mesmo acontece com a sua parte material. Ou seja, “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras”. (SAUSSURE, *ibidem*, p. 137). É perceptível que a caracterização das unidades materiais da língua ocorre justamente porque elas não se confundem entre si, sendo relativas, opositivas e diferenciais.

Finalmente, depois de explicitar o valor lingüístico, considerado em seu aspecto material e conceitual separadamente, nos é apresentado o signo em sua totalidade. Saussure afirma inicialmente que na língua só existem diferenças. Entretanto, isso só é verdade caso considerarmos o significante e o significado isoladamente.

E mais ainda : uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece ; mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado, que o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças fônicas resultantes deste sistema. (SAUSSURE, *ibidem*, p. 139)

Assim, ao compararmos, por exemplo, duas imagens acústicas entre si: pai/mãe, temos que há diferenças. Entretanto, a partir do momento que comparamos dois signos em sua totalidade, fruto da união de duas entidades psíquicas, eles não são diferentes e sim distintos, o que pressupõe certa positividade do signo considerado em sua totalidade.

Para compreender essa positividade do signo, voltemos à organização efetuada pela língua na massa amorfa das idéias e na massa amorfa dos sons: no momento em que a língua

delimita uma fração do plano das idéias e do plano dos sons, efetuando sua união, o signo é considerado positivo porque pode diferenciar-se dos outros signos. Entretanto, a partir do momento que esse mesmo signo insere-se no sistema lingüístico, ele passa a ser essencialmente negativo porque seu valor só é determinado por aquilo que o rodeia. Assim, ao falar das duas existências que uma bandeira possui, Saussure evidencia a não-interferência da composição material na constituição do signo «bandeira» :

Quando uma bandeira, entre muitas outras, ondula no mastro [], ela tem duas existências: a primeira é ser um pedaço de pano vermelho ou azul, a segunda é ser um signo ou um objeto, que se entende dotado de um sentido para aqueles que o percebem. Observemos as três características eminentes dessa segunda existência: 1º Ela só ocorre em virtude do pensamento que se liga a ela. 2º Tudo o que representa, para o espírito, o sinal marítimo de uma bandeira vermelha ou azul procede, não do que ele é, não do que se decidiu associar a ele, mas exclusivamente dessas duas coisas: 1) de sua diferença com relação aos outros signos que figuram no mesmo momento, 2) de sua diferença com relação aos signos que poderiam ter sido içados em seu lugar e em lugar dos signos que a acompanham.” (SAUSSURE, 2004, p. 52)

A bandeira possui, portanto, dois tipos de existências : como objeto físico e como signo. A partir do momento que faz isso, Saussure exclui o objeto físico da determinação do sentido das palavras, já que o pano do qual a bandeira é feita e o signo são distintos. Concordamos com ele tanto no que diz respeito às características principais do signo – a saber, que ele só existe quando há vínculo entre o significante e o significado e que o mesmo sofre influência dos outros signos que figuram no sistema – quanto ao fato do pano em si não afetar na constituição do signo.

É certo que uma das maiores preocupações de Saussure era eliminar as concepções de língua como nomenclatura, representação do mundo ou ainda representação do pensamento. Para tal, ele a sistematizou de maneira que nenhuma ordem que lhe fosse exterior pudesse modificá-la.

Entretanto, Saussure adota a concepção triádica do signo – que admite como constituintes o pensamento, o som e o sentido - ao tratar da questão dos nomes próprios e geográficos, nos quais ele admite a presença da referência. Segundo o autor, isso acontece devido ao fato desses *tipos* de signo apresentarem uma fixidez, visto que não é conveniente que se modifique o nome de um lugar ou pessoa. O que é perceptível, portanto, é que existem signos que não são determinados negativamente por suas relações no sistema, e sim já

carregam em si uma positividade advinda da referência. Além disso, é visível que a língua não é totalmente dissociada do mundo, visto que há a necessidade de denominar os objetos dos quais temos conhecimento. A questão principal que deve ser colocada nesse momento é se a denotação interfere no funcionamento da língua, e, caso a resposta seja afirmativa, em que medida isso acontece.

3.3 Questionamentos de duas teorias : Frege, Saussure e a Referência

No percurso de nossa pesquisa deparamo-nos com pontos de vacilação e questionamento efetuados por Gottlob Frege e Ferdinand de Saussure em suas próprias teorizações. A partir daí, percebemos a necessidade de focar nossa pesquisa nesses pontos, principalmente, em relação à questão da referência na linguagem. Dessa forma, tivemos como foco principal os pontos de vacilação que estão intimamente ligados com a afirmação/negação da relação entre a linguagem e o mundo. Como exemplo, podemos citar a questão dos nomes próprios, os tôponimos e as onomatopéias.

No que diz respeito aos nomes próprios, temos que Frege estabelece a relação dos mesmos com o sentido e a referência⁵. Dessa forma, os nomes próprios não possuíam somente as características de uma categoria gramatical e sim, teriam como função principal denotar um objeto – ou estado de coisas – presente no mundo. Essa mudança de função dos nomes próprios, dá-se na medida em que são considerados pelo autor como peças fundamentais para a veracidade ou não de um discurso científico. Entretanto, vimos que há nomes próprios que contém sentido mas não têm referência, e essa imperfeição dá-se justamente pelas imperfeições da linguagem natural. Assim, consideramos que na relação estabelecida entre nome próprio, sentido, referência e representação ocorre o primeiro ponto de questionamento fregeano:

É verdade que exceções a essa regra ocorrem. Certamente deveria corresponder, a cada expressão, que pertença a uma totalidade perfeita de sinais, um sentido determinado; mas, freqüentemente, as linguagens naturais não satisfazem a esta exigência e deve-se ficar satisfeito se a mesma palavra tiver sempre o mesmo sentido em uma mesmo contexto. Talvez possa ser assegurado que uma expressão gramaticalmente bem construída, e que desempenhe o papel de um nome próprio, sempre tenha um sentido. Mas com isso não se quer dizer que ao sentido corresponda sempre uma referência. As palavras “o corpo celeste mais distante da Terra” têm um sentido, mas é muito duvidoso que também tenham uma referência. (FREGE, 1978, p. 63).

⁵ No tópico 2.1 discorremos brevemente sobre as noções de sentido e referência.

É perceptível que o próprio autor percebe e assume que existem falhas em seu sistema, entretanto, após percebê-las tenta justificá-las com o argumento da imprecisão da linguagem ordinária na fundamentação das ciências. Esse argumento, em consequência, corrobora a necessidade da criação de uma linguagem artificial para a fundamentação das ciências. Podemos citar ainda, como outro ponto de vacilação do autor no que diz respeito aos nomes próprios ao mostrar que:

Idealistas ou céticos terão, talvez, objetado há longo tempo: “Você fala, sem maiores delongas, da lua como um objeto; mas como sabe que o nome ‘a lua’ tem de fato alguma referência? Como sabe que alguma coisa, o que quer que seja, tem uma referência?” Respondo que não é nossa intenção falar da nossa representação de lua, nem nos contentamos apenas com o sentido quando dizemos “a lua”; pelo contrário, pressupomos uma referência. Seria positivamente, entender mal o sentido da sentença “a lua é menor do que a terra” admitir-se que é a representação de lua o que está em questão. Se é isso que o que queria o locutor, ele deveria usar a locução “minha representação de lua”. Naturalmente, *podemos estar enganados quanto à pressuposição de uma referência, e tais enganos têm, de fato, ocorrido*. Mas a pergunta de se sempre nos enganamos quanto a isto pode ficar aqui sem resposta; basta, por ora, indicar nossa intenção ao falar ou ao pensar, para justificar que falemos da referência de um sinal, mesmo que tenhamos de acrescentar a ressalva: *caso tal referência exista*. (FREGE, *ibidem*, p. 67) [*grifos meus*].

Acima, percebemos que Frege utiliza de um argumento idealista ou cético, para colocar uma refutação a sua própria teoria, entretanto, ele tenta justificá-la e não respondê-la. Não queremos aqui fazer um juízo sobre o pensamento do autor, entretanto, levando-se em consideração a “resposta” dada pelo mesmo, talvez possamos afirmar que há evidências da existência de uma incerteza no que diz respeito à própria relação entre linguagem e mundo, fazendo com que talvez seja necessário acrescentar “caso tal referência exista”. Podemos ainda, abrir um parêntese, já que o artifício utilizado nessa passagem, a saber, a utilização de um argumento de outrem na refutação da teoria, também será utilizado por Saussure, como veremos a seguir.

No *Curso de Lingüística Geral*, são apresentadas duas objeções (SAUSSURE, *ibidem*, p. 83) que poderiam ser feitas sobre o princípio da arbitrariedade:

1º O contraditor se poderia apoiar nas onomatopéias para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Mas elas não são jamais elementos orgânicos de um sistema lingüístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê. (...). Quanto às onomatopéias autênticas (aquelas do tipo glu-glu, tic-tac etc.) não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa, e já meio convencional de certos ruídos (...).

2º As exclamações, bastante próximas das onomatopéias, dão lugar a observações análogas e não constituem maior ameaça para a nossa tese. É-se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, como que ditadas pela natureza. Mas, para a maior parte delas, pode-se negar haja um vínculo necessário entre o significado e o significante. basta comparar duas línguas, sob esse aspecto, para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (...). (SAUSSURE, *ibidem*, p. 83)

Como falamos anteriormente, o mesmo artifício utilizado por Frege - a saber, de pressupor contraditores - é também utilizado aqui por Saussure. Entretanto, há uma diferença na medida em que Frege somente justifica a questão e não dá uma resposta categórica, enquanto Saussure, respondeu-a diretamente. Faz-se necessário aqui uma ressalva: apesar de responder a questão colocada pelos “supostos contraditores”, Saussure utiliza do seguinte argumento, ao tratar das onomatopéias autênticas: “não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de uma imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos” (SAUSSURE, *ibidem*, p. 83). Ora, o fato das onomatopéias autênticas serem numerosas ou não, não diz respeito à motivação entre significante e significado. E, além disso, podemos afirmar que mesmo que sejam uma imitação aproximativa, as onomatopéias não deixam de ser uma imitação, o que nos leva a crer que são, de certa forma, motivadas.

Segundo Benveniste (2005) mesmo ao afirmar que a ligação entre significado e significante é arbitrária e que ambos os termos não têm, portanto, nenhuma ligação natural na realidade, Saussure recorre, sem conhecimento, a um terceiro termo, que é justamente o próprio objeto. Para justificar essa afirmação, explicita que ao falar da diferença entre *bœuf* e *ochs*, nos referimos contra a vontade, ao fato de que esses termos designam a mesma realidade, e, sendo assim, a possibilidade de se julgar a sua relação como arbitrária, advém do fato de recorrermos à coisa “substancial”. Não pretendemos nesse trabalho defender o ponto de vista benvenistiano acerca do princípio da arbitrariedade. Entretanto, caso seja aceita essa leitura, podemos afirmar que esse argumento constitui um ponto de vacilação saussuriano, corroborado pela seguinte afirmação: “O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (SAUSSURE, *ibidem*, p. 82).

Outro fator que nos importa citar é a questão dos nomes geográficos. Segundo Aurox (1998), Saussure admite a concepção triádica do signo, ou seja, a relação entre significante/significado/referência, ao tratar da natureza dos nomes geográficos. Esse tipo de signo ofereceria certa fixidez, na medida em que particulariza um lugar no mundo e que não convém aos falantes de uma língua que haja uma mobilidade na denominação desse lugar. Logo, não nos seria conveniente que o nome de uma cidade, por exemplo, mudasse constantemente. Assim, temos que o objeto só seria abordado pelo signo *obliquamente*:

Dito de outra maneira: se uma palavra não evoca a idéia de um objeto material, não há absolutamente nada que se possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa. Se essa palavra, ao contrário, se refere a um objeto material, poder-se-ia dizer que a própria essência do objeto é de natureza a dar a palavra uma significação positiva. Aqui não cabe mais ao linguísta explicar que nós só conhecemos um objeto através da idéia que dele fazemos, e através das comparações, legítimas ou falsas, que estabelecemos: de fato, eu não conheço nenhum objeto a cuja denominação não se acrescente uma ou muitas idéias, ditas acessórias, mas, no fundo, exatamente tão importantes quanto à idéia principal. (...) De maneira que, na realidade, todas essas denominações são igualmente negativas, significam apenas com relação às idéias inseridas em outros termos (igualmente negativos), não têm, em nenhum momento a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si e só abordam, na realidade, esse objeto, quando ele existe, obliquamente, através e em nome de tal ou tal idéia particular. (...). (SAUSSURE, 2004, p. 69)

Se, por um lado, Saussure reafirma a tese de que o valor de um signo advém da existência de outros signos em um sistema – o qual não tem interferência de nenhuma outra ordem que lhe seja exterior - por outro lado, usa do termo “obliquamente” ao referir-se à relação do objeto com o signo. Assim, podemos considerar que há certa incerteza quanto à interferência ou não da referência no sistema lingüístico, mesmo que essa interferência ocorra somente com determinados tipos de signo.

De acordo com o que explicitamos a respeito das teorias, saussuriana e fregeana, e com as evidências apontadas, podemos estabelecer a seguinte conclusão: há, como dissemos, particularidades inerentes à cada teoria: Frege construiu sua teoria e teve a possibilidade de organizá-la, em contrapartida, Saussure não teve essa oportunidade, devido justamente à algumas incertezas que permeavam seu trabalho. De qualquer forma, o que tentamos explicitar nesse trabalho foi o fato de as incertezas dos dois autores recaírem sobre um mesmo tema, a saber, a referência. De um lado, Frege postula que há uma relação entre nomes próprios e as coisas, entretanto, depara-se com problemas em sua teorização, na medida em que há nomes que não têm referência, mas possuem sentido. Saussure, por sua vez, efetua um

corte epistemológico que exclui a referência da constituição do sentido das palavras, e, em determinados momentos encontrou-se perante incertezas em sua teorização, tais como: a questão das onomatopéias, que mesmo em pequeno número, são motivadas pela realidade e, ainda, no que diz respeito aos nomes geográficos, que oferecem uma certa fixidez devido a estabilidade de suas referências.

3. Conclusão

É certo que os pontos de vista, aqui abordados, são diferentes: têm percursos em direções opostas, e conseqüentemente, objetivos distintos. Como dissemos anteriormente, Frege tem o intuito de solucionar os problemas de fundamentação da matemática com a criação de uma linguagem logicamente perfeita, com especial atenção para a verdade e falsidade das sentenças. Já Saussure, tinha o objetivo de delimitar o objeto de estudo da Linguística e, conseqüentemente, alçá-la ao estatuto de ciência. Para tal, efetuou um corte epistemológico e definiu a língua como detentora de uma ordem própria, estabelecida somente por intermédio das relações entre os termos.

Entretanto, nosso objetivo nessa pesquisa foi, por intermédio das teorias desses dois autores, estudar sobre o fenômeno de referenciação na linguagem natural, tentando ressaltar os pontos nos quais a referência proporciona certa tensão, ou seja, uma impossibilidade de afirmar categoricamente que ela existe/ não existe. Assim, concluímos de que categorias como os nomes próprios, os topônimos e as onomatopéias oferecem pontos nos quais os autores não conseguem estabelecer uma resposta coerente e que exclua ou não a referência do sistema lingüístico: nem sempre os nomes próprios na linguagem natural denotam um referente, e mesmo assim, possuem um sentido, ou seja, somos capazes de compreender o que ou de quem se fala. Outro aspecto relevante é que nem sempre esses sinais referem-se aos objetos ou estados de coisas – como nos casos de sentenças em discurso direto e indireto. Quanto aos topônimos, temos que, mesmo ao afirmar que a realidade extralingüística não interfere no funcionamento da língua, Saussure assume a concepção triádica do signo ao tratar de nomes de lugares e pessoas, já que não é conveniente que essa categoria seja mutável. Ora, levando em consideração a definição fregeana de nome próprio, podemos afirmar que os topônimos não são nada mais do que nomes próprios de objetos. Dessa forma, temos que há um breve ponto de encontro teórico entre esses dois autores: a presença do fenômeno de referenciação na categoria dos nomes próprios. Ainda é válido ressaltar a questão das onomatopéias, que consistem em uma imitação aproximativa de determinados sons, o que nos

leva a crer que há uma ordem exterior que influencia na constituição dessa categoria – com a ressalva de serem pouco numerosas.

Assim, chegamos à conclusão de que, ao contrário do que muitos estudiosos afirmam – tanto na Lingüística quanto na Filosofia da Linguagem – a referência não é um assunto encerrado. Pelo contrário, acreditamos que o fenômeno de referenciação está presente nas línguas naturais, mas não ocorre em todos os tipos de signos, somente em algumas categorias como àquelas citadas acima. Dessa forma, acreditamos ser plausível a retomada do estudo da referência tendo como foco a elucidação de sua função e o impacto no sistema lingüístico.

5. Agradecimentos

Agradeço a Prof^ª Dr^ª Eliane Mara Silveira pela paciência com que me acompanha a quase dois anos e pelo tempo que me foi concedido em nossos encontros, que me ajudaram com reflexões, críticas e sugestões valiosas para a pesquisa. Agradeço também a minha família, que com muito esforço, apoiou-me nos momentos de dificuldades e ao meu companheiro Leandro Shigueo Araújo, que, com muita calma soube, nas horas ruins, fazer críticas construtivas que me incentivaram a ultrapassar os obstáculos encontrados durante o percurso de meus estudos. Por fim, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pelo apoio financeiro e pela oportunidade que me foi concedida de desenvolver esse projeto.

6. Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. Natureza do signo lingüístico. In: *Problemas de lingüística geral I*, Campinas: Pontes Editores, 2005.

CAMPOS, J. Os Enigmas do nome: na interface lógico/semântica/pragmática. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2004. <disponível em: <http://jcamposc.com.br/blog/wp-content/uploads/2009/07/enigmasdonome.pdf> > Acesso em: 30/03/2010

CULLER, J. As idéias de saussure. São Paulo: Cultrix, 1979.

FREGE, G. *Investigações lógicas*. Paulo Alcoforado (orgs). Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002. _____ . Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.

SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, 9^o ed, São Paulo: Cultrix, 1979.

_____. Escritos de Lingüística Geral. Bouquet e Engler (orgs). São paulo: Cultrix, 2004.

_____. Cours de Linguistique Générale. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 2005.

SILVA, K. A. Da representação à associação recíproca: como se constituem signo, língua e objetos nas formulações de Saussure. In: Anais do SETA, vol. 2. 2008 <disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewarticle.php?id=178> > Acesso em: 30/03/2010.

_____. Saussure e a questão da referência na linguagem. Campinas, 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, 2008.